

O DISCURSO ATRIBUTIVO EM *ESAÚ E JACÓ**

Maria da Piedade Moreira de Sá

Já se terá observado que o discurso direto – modo dramático de representação – é adotado desde a Antiguidade como forma constitutiva do diálogo. Trata-se de forma mimética de representação do discurso reportado, no qual o narrador simula afastar-se da cena do discurso, cedendo a voz à personagem.

O narrador pode optar por introduzir, sem nenhuma preparação, a fala das personagens, dando assim a impressão de terem elas vida própria e independente; ou pode intervir antes ou depois que a personagem fale, para mostrar o que vê, para contextualizar o discurso, comentar as circunstâncias em que se realiza a fala. No *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, que analisaremos mais adiante, encontram-se as duas modalidades, mas só a segunda nos interessa.

Prince (1978, p.305) denomina “discurso atributivo” os verbos e expressões que acompanham o discurso direto referentes a determinada personagem. Eles contribuem para situar a fala, o contexto em que esta se produz, indicar a sua destinação e caracterizar as personagens.

Considerando que os verbos de elocução e os comentários que acompanham a fala das personagens revelam as mais das vezes características do locutor – traços de sua personalidade –, é nosso objetivo estudar a significação desses incisos e a função que desempenham na economia interna da narrativa. Procuraremos também verificar, na medida do possível, a relação entre a seleção dos verbos e as expressões que acompanham a fala das personagens, bem como o ponto de vista adotado pelo narrador, uma vez que, como assinala Prince (1978, p.310), a escolha de um significante em lugar de outro parece motivada pelos diferentes pontos de vista assumidos pelo narrador.

Como objeto de estudo, escolhemos o romance *Esaú e Jacó* de Machado de Assis. Analisaremos mais detidamente a fala das personagens que desempenham papel mais relevante na história: Aires, Flora e Natividade. Deixaremos de analisar as fórmulas atributivas e as denominações referentes aos gêmeos Pedro e Paulo, embora sejam eles as personagens centrais da história, tendo em vista a pouca frequência de discurso direto a eles atribuído. As personagens D.

* Agradeço ao Prof. Esman Dias a leitura cuidadosa e os comentários feitos a este trabalho.

Cláudia, Santos e Batista, embora sejam secundárias, serão analisadas, ainda que superficialmente, por servirem de contraponto às principais.

As expressões atributivas só ocorrem acompanhando o discurso direto. “Isso significa que elas se encontram sempre ligadas a uma personagem e que contribuem de maneira mais ou menos notável para seu retrato”. (Prince, 1978, p.309) O discurso atributivo caracteriza a personagem, mas pode igualmente revelar seus sentimentos, sua atitude frente a uma situação dada. As denominações que recebe a personagem servem ademais para caracterizá-la. Pode a mesma personagem receber denominações diferentes, a partir dos diversos pontos de vista adotados pelo autor, como veremos mais adiante. As expressões que acompanham o discurso direto podem igualmente descrever características da voz do locutor, o tom por ele empregado, além de mímica e gestos dos interlocutores.

Como assinala Prince (1978, p.311), o discurso atributivo não só remete para segundo plano o discurso direto e contribui para a individualização das personagens, mas “participa também forçosamente – e de maneira mais ou menos determinante – na caracterização temática da narrativa”. Assim a grande frequência do emprego de expressões com verbos como *sugerir, concordar, temperar, perguntar, insinuar, assentir, completar*, sugere uma narrativa que se caracteriza pela ambigüidade, pela dúvida e pela busca de conciliação.

Os verbos de atribuição podem ser de natureza diversa e as contribuições do discurso atributivo ao discurso direto são extremamente variadas e suscetíveis de uma infinidade de configurações. A ordem em que aparecem as expressões atributivas pode igualmente variar: elas podem preceder, vir intercaladas ou seguir a fala da personagem. A extensão do discurso atributivo com relação à fala também deve ser considerada: destarte, a fórmula atributiva mais extensa do que o discurso direto valoriza a mímica e os gestos, o tom de voz do locutor e a reação do alocutário, que aparecem como mais importantes do que o dito: o contexto do dizer é privilegiado em detrimento das palavras ditas. Não será demais tornar a assinalar que, ao comentar o dizer, o discurso atributivo também caracteriza o falante. É o que ocorre nos passos abaixo:

- (1) “– Antes de nascer, crianças não brigam, replicou Aires, temperando o sentido afirmativo com a entonação dubitativa.” (p.62)
- (2) “– Não, não, não resisto, acudiu um homem de cerca de quarenta anos, estendendo a mão ao recém-chegado.” (p.58)
- (3) “– Eterno? interrompeu ela com um sorriso fino e descorado.” (p.129)
- (4) “– Não, Agostinho, concluiu a baronesa com um gesto definitivo.” (p.129) (Grifos nossos)

O contrário também pode ocorrer, ou seja, o inciso é muito modesto em relação ao dizer, é este que é posto em evidência; valoriza-se mais o dito do que o dizer. Vejamos alguns exemplos:

- (5) “– Você diga-lhe, aconselhou Natividade, que o nosso Paulo é liberal ardente...” (p.117)
- (6) “– A morte é uma hipótese, redargüiu Aires, talvez uma lenda. Ninguém morre de uma boa digestão, e os seus charutos são deliciosos.” (p.136) (Grifos nossos)

Observe-se que em (5), o narrador está interessado em mostrar a preocupação de Natividade em salvar a imagem do filho, que defendia idéias republicanas. Em (6), Aires apressa-se em desfazer a impressão que poderiam causar as palavras anteriormente dirigidas a Santos.

A seqüência verbo-sujeito, remetendo ao locutor e ao seu enunciado constitui a forma mais freqüente, quase exclusiva, de apresentação do discurso atributivo, no romance, como podemos ver entre muitos outros, nos exemplos seguintes:

- (7) “– Casar é bom, assentiu Aires.” (p.107)
- (8) “– Mas eu não dou conselhos a ninguém, acudiu Aires.” (p.143)
- (9) “– Não sei se foram, emendou Natividade: desconfio.” (p.261)
- (10) “– As opiniões é que não, repetiu Natividade acabando de ler a carta.” (p.105) (Grifos nossos)

No que se refere à ordem, a predominância é a posposição dos verbos e expressões atributivas, o que, portanto, valoriza as palavras ditas. Ressalte-se ainda que as construções compostas por verbos de elocução no passado mais gerúndio descrevendo o dito, ao priorizarem essa ordem, colocam-no em primeiro plano e atribuem à mímica e aos gestos a função de complemento das palavras. Vejamos alguns exemplos:

- (11) “– Você amanhã está pronta, e de hoje a oito dias, ou antes, vamos para Petrópolis, disse Natividade, disfarçando as lágrimas, mas a voz fazia o ofício dos olhos.” (p.105)
- (12) “– E por que há de o senhor concordar sempre? perguntou ela [Flora] sorrindo.” (p.210)
- (13) “– Mas eu não sou inexplicável, replicou D. Cláudia sorrindo.” (p. 94)
- (14) “– O sono e a preguiça, concluiu a mãe rindo.” (p.216) (Grifos nossos)

Observe-se que em (11), se, por um lado, a posição valoriza o dito, por outro, a extensão do comentário ressalta o dizer. Foi a solução inteligente que encontrou o narrador para colocar no mesmo nível de importância duas informações que se contrariam: as palavras de ânimo que Natividade dirige a Flora e o seu próprio (de Natividade) estado de espírito.

As poucas ocorrências de ordem inversa nem sempre são construções com gerúndio, mas perífrases que põem em relevo o contexto do dizer:

- (15) “Batista parou com ar digno e respondeu com simplicidade:”
(p.123)
- (16) “Súbito, levantando as mãos abertas:
– Batista, você nunca foi conservador!” (p. 124)
- (17) “[...] D. Cláudia levantou-se da cadeira, rápida, e disparou esta pergunta ao marido: (p.123) (Grifos nossos)

Vale ressaltar que, excetuando-se o relacionamento entre os gêmeos, predomina na narrativa um tom ameno, conciliatório e polido. Daí por que os comentários atributivos que remetem a D. Cláudia são significativos, na medida em que ressaltam a um só tempo a relevância do dizer e a vontade firme que caracteriza a personagem.

Os verbos de elocução e os comentários que acompanham e descrevem a fala revelam, como já mencionado, certas características da personagem, um traço da sua personalidade. Assim, uma personagem que brada ou exclama difere, naturalmente, de outra que murmura ou segreda; uma personagem que inquire ou interroga é diferente de outra que apenas pergunta. No *Esau e Jacó*, as personagens nucleares da história *dizem, perguntam, concordam ou concluem*; Aires é o único a *segredar, sugerir e inventar* uma resposta; Natividade e Flora *exclamam*, ao passo que Santos, Batista e Flora *suspiram*; Santos é o único a *bradar*, só Natividade *aconselha*. Aires, nada obstante o título de conselheiro, não tem o verbo *aconselhar* a ele associado, tampouco vêm associados a Aires verbos como *intervir, bradar, exclamar* ou *teimar*, embora seja a personagem cujos enunciados apresentam o espectro mais variado: são dezessete verbos contra quinze de Natividade, doze de Paulo, onze de Santos e D. Cláudia, nove de Pedro, seis de Flora e cinco de Batista. Uma análise desses verbos revelará não só o caráter da personagem, senão também os seus sentimentos, sua atitude, sua maneira de agir em dada situação e a relação com o seu interlocutor. Assim Natividade, depois de Santos confessar-lhe que havia quebrado a promessa que lhe fizera de não consultar o amigo Plácido, fala ao marido com os “dentes cerrados”:

- (18) “Santos pediu-lhe que se não zangasse, e contou tudo, a sorte, a rixa, a Escritura, os apóstolos, o símbolo, tudo tão espalha-

damente, que ela mal pôde entender, mas entendeu ao final, e
replicou com os dentes cerrados:

– Ah! você! você!” (p.66) (Grifos nossos)

O uso abundante dos verbos de elocução, principalmente dizer (empregado por todas as personagens) indica que o narrador opta em geral por uma fórmula neutra e não pela expressiva, principalmente quando se refere a Aires.

Alguns verbos utilizados por Aires referem-se ao desenvolvimento do processo de comunicação: emendar (no sentido de corrigir, consertar), concluir, continuar, prosseguir. Outros dizem respeito à qualidade ou tom da voz, como murmurar ou segredar, mas a maioria indica o próprio ato de fala como dizer, perguntar, assentir, redargüir, retorquir. Parece sintomática a ausência de verbos que exprimem reações afetivas como bradar ou exclamar. Também parece revelador o fato de dizer, o verbo de elocução propriamente dito, considerado o mais neutro de todos os verbos, e o mais freqüente no romance, também ser mais atribuído a Aires do que a qualquer outra personagem. Compare-se: 15 vezes o verbo dizer é atribuído a Aires contra 7 vezes a Natividade, 6, a Batista e Pedro, 5, a Flora e 3 a Paulo.

Um levantamento das expressões atributivas referentes a Aires torna evidente o caráter conciliador e moderado da personagem, observador complacente que olha o mundo e as pessoas à sua volta e que, como diz o narrador: “Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia.” (p.60). Mais adiante, é o próprio Aires que expõe a sua resolução de não brigar nunca: “Todos os temperamentos iam comigo; poucas divergências tive, e perdi só uma ou duas amizades, tão pacificamente aliás, que os amigos perdidos não deixaram de me tirar o chapéu. Um deles pediu-me perdão no testamento.” (p.251). Essa característica é corroborada pelas expressões atributivas, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (19) “– concluiu Aires sorrindo leve, como falava baixo, e despediu-se.” (p.63)
- (20) “[...] disse Aires sorrindo e fazendo um gesto de agradecimento.” (p.157)
- (21) “– Sem dúvida, concordou Aires, valor histórico e político.” (p.136) (Grifos nossos)

Aires mantém sempre uma atitude de equilíbrio, de moderação e de concordância seja qual for a situação, e não importa a que personagem se dirija. Essa mesma caracterização aparece no discurso narrativizado, em que é grande a ocorrência de verbos e locuções que expressam concordância ou atenuação, como podemos observar em:

- (22) “Aires concordou que não valia a pena aborrecê-lo, [a Santos] se era caso disso, e esperou.”(p.107)
- (23) “Aires concordou rindo.” E acrescenta o narrador: “Tudo isso polido, sincero e incrédulo” (p.111)
- (24) “Aires respondeu, com brandura, que não podia nada”. (p.143)
- (25) “Naquele mesmo dia (era ao almoço) ele achou o café delicioso, mas a irmã disse que era ruim, obrigando-o a um grande esforço para tornar atrás e achá-lo detestável.” (p.97)

(Grifos nossos)

Se considerarmos a relação entre os verbos e as expressões que acompanham a fala e as denominações que recebe a personagem, veremos que estas também servem para caracterizá-la.

Aires e Natividade são as personagens mais frequentemente designadas por fórmulas atributivas, mas é Flora a que recebe a gama mais variada de denominações ou epítetos.

Aires, por exemplo, recebe quatorze denominações, mas apenas três (‘Aires’, ‘conselheiro’ e ‘ele’) são sujeitos de verbos atributivos. Aires é assim chamado apenas pelo narrador que se permite tratar com relativa intimidade as criaturas da sua história. Algumas poucas vezes, também pode chamá-lo pelo título de conselheiro, acompanhado ou não do nome, ou por outras denominações, como ‘nosso Aires’, ‘o velho diplomata’, ‘o ex-ministro’, ‘o ex-rapaz’, ‘o nosso homem’, ‘velho Aires’, ‘o diplomata’ e outras, que servem para caracterizar a personagem, ao mesmo tempo que indicam certo grau de aproximação entre narrador e Aires. É possível ainda, nesses casos, que o narrador adote o ponto de vista de outra personagem, inclusive do próprio Aires, como, por exemplo, nas passagens a seguir:

- (26) “O ex-rapaz ainda agora recordava a cantiga popular que lhe ouvia à despedida, depois de retificar as ligas, compor as saias, e cravar o pente no cabelo, [...]” (p.114).

Ou nesses outros passos:

- (27) “Confiava [Natividade] na ação do conselheiro, [...]” (p.111), em que a fala é do narrador, mas o ponto de vista é de Natividade.

E mais:

- (28) “Quis [Flora] perguntá-lo ao conselheiro, mas não achou ocasião, e ele saiu cedo. A primeira vez, porém, que Aires foi a São Clemente, Flora pediu-lhe familiarmente o obséquo de uma definição mais desenvolvida.” (p.100) (Grifos nossos)

Observe-se que em (28) o ponto de vista da primeira designação (conselheiro) é o de Flora, ao passo que o da segunda (Aires) é do narrador. Aires é designado por todas as personagens simplesmente pelo título (maioria absoluta das vezes) ou pelo título seguido do nome. É interessante notar que muitas das expressões associadas a Aires referem-se em sua maior parte ao cargo que ele ocupava: conselheiro, diplomata, ministro, e que explica a imagem que dele fazem as demais personagens – daí a ele recorrerem com frequência, em busca de ajuda e de conselho. O tratamento de conselheiro dispensado a Aires por todas as personagens revela admiração, respeito e confiança no seu poder de convencimento, na justeza de suas ponderações e na sua moderação.

Note-se que a denominação ‘conselheiro’ tem um “caráter absoluto”, já que nem todos poderiam ter direito ao título; comporta uma significação convencional, assim como os títulos de ‘barão’ e ‘baronesa’ concedidos a Santos e Natividade (Prince, 1978).

Também o narrador, em algumas passagens, usa o título de conselheiro nas situações em que Aires é solicitado a emitir uma opinião, aconselhar ou influenciar de algum modo as decisões de alguém, como nas passagens seguintes:

- (29) “– Que suba. [o Custódio] disse o conselheiro ao criado.” (p.133)
- (30) “Aires concordou rindo. Para Natividade valia por uma tentativa nova. Confiava na ação do conselheiro.” (p.111)
- (31) “Tão secreta foi a conferência dela e dos filhos que estes não quiseram contá-la a ninguém, salvo ao conselheiro Aires, que a adivinhou em parte. Paulo e Pedro confessaram a outra parte, pedindo-lhe silêncio.” (p.264) (Grifos nossos)

Em (29), Custódio procura o conselheiro em busca de solução para o seu problema: escolher um nome para a confeitaria; em (30), Natividade solicita a Aires que a ajude na reconciliação dos filhos, por fim, em (31), parece claro que o ponto de vista é dos gêmeos Pedro e Paulo, que buscam o apoio do diplomata.

É possível que a pequena variedade de denominações atribuídas a Aires se deva ao fato de ser ele uma personagem que ostenta como uma de suas virtudes o tédio à controvérsia, que busca sempre o equilíbrio entre dois opostos e que, as mais das vezes, desempenha o papel de mediador. Em geral fala apenas como criatura social. Não é citado pelo prenome, nem como irmão ou cunhado, e seu discurso parece ser apenas a manifestação do discurso social.

Antes de aposentar-se, Aires era mediador por exigência da profissão e, depois, por solicitação daqueles que viviam à sua volta e talvez por inclinação

natural. Para conhecer melhor o caráter conciliador do conselheiro, considerem-se estas palavras do narrador: “Aires fora diplomata excelente, apesar da aventura de Caracas, se não é que essa mesma lhe agravou a vocação de descobrir e encobrir. Toda a diplomacia está nestes dois verbos parentes.” (p.231).

A respeito da passagem acima, sugere Bosi (1979, p.158) que *atenuação* talvez seja o termo que melhor descreva a fala e as atitudes de Aires. Diante dos desencontros e dos embates que a vida proporciona, o diplomata “tende, primeiro, a dizer o que vê (‘vocação de descobrir’), desdizer depois (‘vocação de encobrir’), para num último movimento deixar sobrepostos o rosto e a venda. O efeito é sempre de dupla possibilidade: a salvação do positivo, apesar do negativo, a persistência deste apesar daquele.”

A justeza dessas observações evidencia-se nas passagens a seguir:

- (32) “– Antes de nascer, crianças não brigam, replicou Aires, temperando o sentido afirmativo com a entonação dubitativa.” (p.62)
- (33) Aires viu o abismo da controvérsia, e forrou-se à vertigem por uma concessão, dizendo:” (p. 63)
- (34) “Aires disse ainda algumas palavras bonitas, acrescentou outras feias, admitindo que a briga podia ser prenúncio de graves conflitos na terra; mas logo temperou esse conceito com outro:
– Não importa; não esqueçamos o que dizia um antigo, que “a guerra é a mãe de todas as coisas”. Na minha opinião, Empédocles, referindo-se à guerra, não o fez só no sentido técnico. O amor, que é a primeira das artes da paz, pode-se dizer que é um duelo, não de morte, mas de vida – concluiu Aires sorrindo leve, como falava baixo, e despediu-se..” (p.63)

(Grifos nossos)

Note-se que os verbos usados para referir a fala de Aires (no discurso narrativizado) são replicar e dizer – verbo de elocução, neutro, seguido de acrescentar, que poderia conferir alguma ênfase ao discurso, mas o verbo temperar, usado duas vezes, introduz um enunciado que atenua e relativiza a afirmação anterior –, e o verbo concluir, que encerra a fala e vem seguido de um comentário reforçando a descrição que, páginas anteriores, o narrador faz de Aires. Analisando o discurso atributivo associado a Aires, temos em (32) que ele afirma (descobre), mas não completamente, uma vez que a “entonação dubitativa” atenua o “sentido afirmativo” (encobre). E, em (33), diante do perigo de controvérsia, ele faz uma concessão, que mais uma vez atenua a afirmação anterior. Em (34), Aires admite que “a briga pode ser prenúncio de graves conflitos”, mas logo atenua “temperando esse conceito” com outro, que

nega parcialmente o primeiro. É o meio termo, que não afirma nem nega completamente nenhuma das duas posições, nem tampouco as anula. É a retórica de Aires conciliando os opostos.

Corroborando a tendência à conciliação, característica de Aires, diz o narrador:

- (35) “Era cordato, repito, embora esta palavra não exprima exatamente o que quero dizer. Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia.” (p.60)

Natividade, personagem importante na trama da narrativa, recebe quatorze designações, mas somente cinco (‘Natividade’, ‘ela’, ‘baronesa’, ‘a mulher’, ‘a mãe’) são sujeitos de verbos atributivos. A partir do cap. XXX, quando o marido, Santos, é agraciado com o título de barão, todas as personagens, à exceção do marido, dos filhos e do narrador passam a tratá-la por baronesa, o que caracteriza um tratamento formal e distanciado, provavelmente praticado pelas pessoas de sociedade, na época em que se situa o romance. O narrador normalmente a trata pelo prenome e só uma única vez ele emprega a denominação baronesa: é quando ela usa da sua autoridade para proibir o marido de candidatar-se a senador, como se lê em (36):

- (36) “– Não, Agostinho, concluiu a baronesa com um gesto definitivo.” (p.129) (Grifos nossos)

Chama a atenção o fato de Natividade, mulher de sociedade, receber as designações de mãe, mulher, esposa, irmã e amiga, ainda que essas denominações venham adjetivadas como em ‘a bela esposa’ e ‘a bela Natividade’. O retrato que essas denominações pintam é o de uma mulher bonita, sim, inteligente e afável, mas preocupada com a família, sobretudo com os filhos. Natividade é principalmente a mãe dos gêmeos.

Diferentemente de Natividade, D. Cláudia, assim chamada por todos, exceto naturalmente pelo marido e pela filha, é uma mulher decidida e apaixonada pela política. Recebe sete designações, e três (D. Cláudia, a mulher, a mãe) são sujeito de verbos atributivos. Pode parecer estranho que temperamentos tão distintos, como o dessas duas mulheres, sejam caracterizados de forma semelhante. No entanto, se observarmos os verbos a que essas denominações servem de sujeito, veremos que eles caracterizam diferentemente essas duas personagens.

Vejamos: Natividade, como mãe, explica, intervém, acomoda ou conclui para conciliar os filhos e protegê-los, ao passo que os verbos atribuídos a D. Cláudia são inquirir, acudir, repeter:

- (37) “– Você diga-lhe, aconselhou Natividade, que o nosso Paulo é liberal ardente...” (p.117)
- (38) “Neste último ponto divergiam, porque cada um deles tomava para si só as admirações, mas a mãe interveio.”(p.71)
- (39) “[...] Paulo explicou-se, Pedro contestou a explicação e deu outra, e a sala viraria clube, se a mãe não os acomodasse por esta maneira.” (p. 79)
- (40) “– O sono e a preguiça, concluiu a mãe rindo.” (p.218)
- (Grifos nossos)

Note-se o tom complacente e carinhoso com que Natividade se dirige aos filhos que não atenderam ao seu pedido de acompanhá-la à missa.

Comparando essas passagens com as seguintes em que é D. Cláudia que fala, podemos observar a diferença de modo de agir entre ela e Natividade:

- (41) “– Como diz, inquiriu a mãe” (dirigindo-se a Aires que acreditava que a filha “viria a ser uma inexplicável”). (p.94)
- (42) “A mãe acudiu-lhe:
– Que é? Que tens? (p.149)
- (43) “[...] enquanto a mãe, atribuindo o efeito ao vidro de vinagre, ajustava a rolha de vidro ao frasco, e restituía o frasco ao tocador.
– Faze uma lista do que precisas, repetiu à filha.” (p.150)

(Grifos nossos)

Os dois últimos casos se encontram no mesmo capítulo. Em (37), D. Cláudia acode a filha, que tivera uma espécie de desmaio; passado o problema, a mãe volta à sua preocupação maior que eram os preparativos para a viagem.

Na qualidade de esposa, Natividade dirige-se ao marido e diz ou pondera a respeito de situações do dia-a-dia, como se vê nos exemplos:

- (44) “– Deixa, Agostinho, disse-lhe a mulher, uma noite; você sempre há de ser criança.” (p.47)
- (45) “– Mas você é espírita, ponderou a mulher.” (p. 51)

(Grifos nossos)

Natividade tampouco ‘dispara uma pergunta ao marido’, como o faz a mulher de Batista:

- (46) “D. Cláudia levantou-se da cadeira, rápida, e disparou esta pergunta ao marido.” (p.123)
- (Grifos nossos)

Se, por um lado, a D. Cláudia é atribuído o mesmo verbo ponderar em situação semelhante à de Natividade, por outro, também lhe está associado o verbo interromper, que remete às suas preocupações políticas e o modo decidido com que interfere nos assuntos políticos do marido.

Creemos que o cotejo entre os contextos em que ocorrem as falas das duas personagens deixou claro o sentido dos respectivos verbos de atribuição.

Flora é uma das personagens centrais do romance; em torno dela gravitam os gêmeos Pedro e Paulo e o conselheiro Aires, que se mantém sempre por perto, como uma espécie de guardião.

Flora é a personagem que recebe maior número de denominações e de adjetivação, vinte e oito no total; mas somente cinco são sujeitos de verbos atributivos ('Flora', 'a moça', 'a filha de Batista', 'a doente', 'ela'):

- (47) “– Ambos quais? perguntou Flora ao vê-la [Natividade] tornar ao quarto.” (p.246)
- (48) “– Ora, meu Deus! exclamou a filha de Batista.” (p.205)
- (49) “– Petrópolis? suspirou a doente.” (p.244)
- (50) “– Não digam o resto, interrompeu a moça sorrindo;” (p.194)
- (51) “– Mas o senhor promete que não me achará inexplicável? perguntou ela com doçura.” (p.100) (Grifos nossos)

É pelo seu nome que, na maior parte das vezes, a ela se refere o narrador. Somente D.Cláudia, mãe de Flora, a trata pelo nome, embora isso só ocorra três vezes:

- (52) “A mãe, que datava por ministérios, nunca negou a idade da filha:
– Flora nasceu no ministério Rio Branco, e foi sempre tão fácil de aprender, que já no ministério Sinimbu sabia ler e escrever correntemente.” (p.94)
- (53) “– Não digas isso, Flora; é comissão de confiança para fins nobremente políticos.” (181)
- (54) “– Olha aqui, Flora; dá licença, conselheiro? (p.210)
(Grifos nossos)

O narrador também se refere a Flora usando expressões atributivas, sendo que em alguns casos o ponto de vista é de outra personagem, como nos passos seguintes:

- (55) “Flora, aos quinze anos, dava-lhe para se meter consigo. Aires que a conheceu por esse tempo, em casa de Natividade, acreditava que a moça viria a ser uma inexplicável.” (p.94)

- (56) “Natividade dormiu tranqüila em Botafogo, mas acordou pensando nos filhos e na moça de S. Clemente.”(p.206)
- (57) “Enfim, o secretário de Nóbrega redigiu com a melhor linguagem que possuía uma carta em que o capitalista pedia a D. Rita o favor de consultar a moça amada.” (p.239).
- (58) “D. Rita ainda esperou um dia. A resposta negativa, dado que Flora viesse a mudar de opinião, podia ser uma desgraça para esta.” (p.240)
- (59) “Quando, porém, a imagem de Flora aparecia entre eles por imaginação, o debate esmorecia, mas as injúrias continuavam e até cresciam sem confissão de novo motivo, que era ainda maior que o primeiro, a republicana e a imperial, pelo amor exclusivo da moça, se tanto fosse exigido. Cada um faria com ela a sua constituição, melhor que outra qualquer deste mundo.” (p.208-209) (Grifos nossos)

Observe-se que, embora a voz seja do narrador, o ponto de vista é de outra personagem. Assim, em (55), o narrador adota a perspectiva de Aires, em (56), a de Natividade, em (57), a de Nóbrega, em (58), a de D. Rita, e, por fim, em (59), assume o ponto de vista dos gêmeos.

A variada gama de expressões afetuosas associadas a Flora não só a definem de forma extremamente positiva, como também revelam o sentimento que ela desperta naqueles que dela se aproximam, que com ela convivem.

É também um fator definidor da indecisa Flora os verbos a ela associados. É sintomático que o verbo mais freqüentemente a ela atribuído seja perguntar, referido nove vezes, contra cinco registros de dizer.

É curioso que, no romance, todas as ocorrências do verbo perguntar e equivalentes como inquirir são redundantes por virem antecidos ou seguidos por um enunciado terminado por um ponto de interrogação. Considerando-se que, nesse caso, a única função é identificar o locutor e que o verbo dizer, que, sendo neutro, quando atribuído a Flora, não veicula informação relevante, podendo as mais das vezes ser dispensado, é possível talvez concluir que é exatamente essa redundância ou vagueza, essa indefinição que caracteriza a jovem Flora, oscilando entre o amor de Pedro e Paulo.

Quanto a Santos e Batista, respectivamente marido de Natividade e de D. Cláudia, são personagens secundárias, moralmente fracas, não têm os traços de caráter que caracterizam as mulheres: falta a Santos, por exemplo, a inteligência, a firmeza de caráter a discrição e a simpatia da esposa.

Batista caracteriza-se por seu amor à política e pelo apego aos cargos públicos, o que o aproxima da mulher; dela se distancia, contudo, por carecer

de vontade firme e de espírito de luta e de iniciativa. É chamado Batista por todos, inclusive pela mulher. É designado algumas vezes como ‘o marido’ (quase sempre a partir do ponto de vista de D. Cláudia), ‘o pai da donzela’, ‘o esposo’, ‘o conservador Batista’, ‘o ex-presidente’, ‘o pai de Flora’, ou denominações que o atrelam a outra personagem ou a um cargo.

Os verbos atributivos referidos a Batista são reveladores de sua personalidade: Batista diz, mas também confessa, concorda, insinua, atribui, responde, suspira e cai em si.

Quanto às designações referentes a Santos – quase todas atribuídas pelo narrador – remetem à sua relação com as demais personagens: marido, pai e cunhado. Exceto Natividade e a cunhada Perpétua, que o tratam pelo prenome – Agostinho –, as demais personagens a ele se referem pelo título de barão.

Quanto às fórmulas atributivas, a grande variedade de verbos associados a uma figura secundária pode ser revelador de traços característicos da personagem. Assim, por exemplo, Santos brada, o que sugere falta de controle, mas também suspira e insinua. É a falta de firmeza nas opiniões, quando as tinha, que incomoda o velho diplomata. Sabemos pelas palavras do narrador que Aires não podia negar a antipatia que Santos lhe causava. “Era a pessoa, eram as sensações, os dizeres, os gestos, o riso, a alma toda que lhe fazia mal” (p.137).

Como observa Prince, (1978, p. 309), estudar o discurso atributivo é mais do que descrever as suas formas e a sua distribuição na narrativa, “ou a possibilidade de combinação com outras categorias de signos”, é também determinar o seu rendimento na economia narrativa, a maneira por que funciona”, a sua significação.

Com efeito, as fórmulas atributivas que acompanham o discurso direto, além de caracterizarem as personagens, indicam como deve ser lida a sua fala, como deve ser interpretado o seu discurso – o que não significa que a ausência de tais verbos prejudique a legibilidade do texto ou desorienta o leitor.

A seleção dos verbos é um importante guia de leitura. Claro está que um enunciado contendo um verbo neutro como dizer, ou um verbo de elocução propriamente dito, como perguntar, deve ser lido diferentemente de outro cujos verbos são empregados metaforicamente ou expressam o estado de ânimo do falante, como explodir, exclamar, sussurrar.

No **Esaú e Jacó**, o verbo perguntar e equivalentes como inquirir, os mais freqüentes, depois de dizer, podem sugerir uma narrativa em que predomina a ambigüidade e a dúvida. Por outro lado, o fato de dizer ser de longe o mais empregado pode ser um indicador de que Machado opta pela forma neutra e não expressiva, porque o que importa não é o dito explicitamente, mas o que está implícito, o que está subjacente.

Esperamos ter deixado claro, por meio desta rápida análise, que o discurso atributivo que acompanha o discurso direto frequentemente desempenha uma função caracterizadora das personagens. Além disso, contribui para orientar o leitor no que se refere à interpretação da fala das personagens, ao modo como deve prosseguir a leitura e à identificação do que veicula de maneira implícita.

O discurso atributivo constitui-se, desse modo, num importante instrumento retórico nas mãos de um hábil contador de história como, sem dúvida, é Machado de Assis.

Referências bibliográficas

- ASSIS, J. M. Machado. *Esau e Jacó*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19...].
- BOSI, Alfredo. Uma figura machadiana. In: ARINOS, Afonso. *Esboço de figura: homenagem a Antônio Cândido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- PRINCE, Gerald. Le discours attributif et le récit. *Poétique*, n. 35, p. 305-313, 1978.